



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ILANILDO MOREIRA COSTA

**O CADERNO DE ESPORTES DO JORNAL A UNIÃO:
O FUTEBOL EM PRIMEIRO PLANO**

CAMPINA GRANDE

2014

ILANILDO MOREIRA COSTA

**O CADERNO DE ESPORTES DO JORNAL A UNIÃO:
O FUTEBOL EM PRIMEIRO PLANO**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social/Jornalismo sob orientação do Prof. Ms. Raimundo Cavalcante Rodrigues.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837c Costa, Ilanildo Moreira
O caderno de esportes do Jornal A União [manuscrito] : o futebol em primeiro plano / Ilanildo Moreira Costa. - 2014.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Raimundo Cavalcante Rodrigues, Departamento de Comunicação Social".

1. Jornalismo impresso 2. Jornal A União 3. Esportes. 4. Futebol. I. Título.

21. ed. CDD 070.175

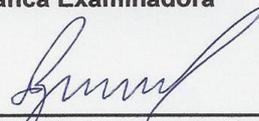
ILANILDO MOREIRA COSTA

**O CADERNO DE ESPORTES DO JORNAL A UNIÃO:
O FUTEBOL EM PRIMEIRO PLANO**

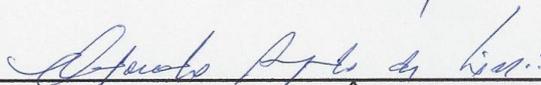
Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social/Jornalismo sob orientação do Prof. Ms. Raimundo Cavalcante Rodrigues.

Monografia aprovada
em 12 de Dezembro de 2014.

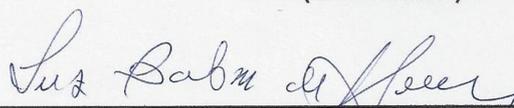
Banca Examinadora



Prof. Ms. Raimundo Cavalcante Rodrigues
(Orientador)



Prof. Ms. Orlando Angelo da Silva
(Examinador)



Prof. Esp. Luiz Barbosa de Aguiar
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

A Deus, por me oferecer a oportunidade de viver e evoluir a cada dia durante a minha trajetória de vida e profissional. Ao meu pai (in memoriam), minha mãe e esposa, pelo apoio e carinho em todos os momentos importantes de minha vida. Ao meu orientador, pelo apoio e credibilidade que me proporcionou. A todos que contribuíram direta e indiretamente na realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho foi uma análise de conteúdo da editoria de esportes do Jornal A União, que circula na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. O objetivo primordial deste trabalho de conclusão de curso foi construir uma base de dados e de informações, fundamentada em uma pesquisa de campo, para realizar uma abordagem crítica do conteúdo publicado nas páginas do caderno de esportes desse jornal impresso, além de responder a um questionamento, se além do futebol, há também espaços para outras práticas esportivas. Partindo da premissa que, o esporte é uma ferramenta educacional, pois ensina valores fundamentais como trabalhar em equipe, respeitar regras, adversários e superar adversidades, ter autocontrole e viver em coletividade. Tendo em vista que o foco do caderno é o futebol, tratado como um produto social resultante das relações estabelecidas entre os homens no desenvolvimento dialético da sociedade, consolidando-se como um dos esportes mais noticiados no noticiário nacional e regional, atuando como agente transformador de indivíduos e de toda uma lógica econômica e social.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso. A União. Esportes. Futebol.

ABSTRACT

This work was one editorial content analysis of newspaper sports “A União”, which circulates in the city of João Pessoa, in the state of Paraíba. The primary objective of this course conclusion work was to build a database and information, based on field research, to make a critical approach of the content published on the sports section of the pages of the printed newspaper, as well as respond to questions if in addition to football, there are also spaces for other sports practices. Assuming that the sport is an educational tool, it teaches core values such as teamwork, respect rules, opponents and overcome adversity, have self-control and living in community. Given that the focus of the book is football, treated as a product resulting social relations established among men in the dialectical development of society, consolidating its position as one of the most publicized sports at national and regional news, acting as an agent of individuals and an entire economic and social logic.

Keywords: Print Journalism. A União. Sports. Football.

SUMÁRIO

IINTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO II – O QUE É ESPORTE?	09
2.1 Futebol: uma paixão nacional.....	11
2.1.1 Brasil, uma nação exportadora.....	14
2.2 Campeonatos Nacionais	15
2.3 O futebol na Paraíba	16
2.4 As entidades esportivas no Brasil	19
CAPÍTULO III – JORNALISMO ESPECIALIZADO	20
3.1 Jornalismo Esportivo	23
3.1.1 O jornalismo esportivo representado pelo futebol	27
CAPÍTULO IV – JORNALISMO IMPRESSO	29
4.1 Na Paraíba: O jornal A União	32
CAPÍTULO V – METODOLOGIA	33
5.1 Análise dos dados	34
5.1.1 Domingo, 16 de março	34
5.1.2 Terça-feira, 18 de março	35
5.1.3 Quarta-feira, 19 de março	35
5.1.4 Quinta-feira, 20 de março.....	36
5.1.5 Sexta-feira, 21 de março	36
5.1.6 Sábado, 22 de março	36
5.1.8 Domingo, 23 de março	37
VICONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1 INTRODUÇÃO

A apresentação deste trabalho de conclusão de curso começou com um questionamento: No Brasil, o futebol é um fenômeno que cativa e impressiona pela sua grandeza. A mídia tem influência sobre isso?

Ao longo dos quatro capítulos desse texto para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, o leitor pode observar que na maioria das publicações, sejam nacionais ou regionais, o esporte mais abordado nos cadernos esportivos é o FUTEBOL, uma prática que não só é paixão, mas prioridade na mídia entre as práticas esportivas. Portanto, o questionamento tem a resposta de que jornais, revistas, televisão e internet influenciam para que essa seja uma paixão nacional.

Neste trabalho, fizemos uma abordagem contextualizada para chegarmos ao foco da pesquisa: o futebol como primeiro plano nas páginas do Jornal A União. Antes disso, traçamos uma linha relatando o nascimento do Futebol no Brasil, os campeonatos existentes no âmbito nacional e regional, além de revistas e jornais históricos que já tratavam o esporte como principal prática esportiva do país, considerado “o do futebol”.

Além disso, também abordamos o papel das faculdades de comunicação em quebrar essa teoria de que jornalismo esportivo é futebol. Há diversas outras coberturas que podem ser feitas pelos profissionais do jornalismo, como a natação, o voleibol, o tênis, entre outros esportes. Na prática, como abordam os autores citados nessa pesquisa, os estudantes inclinados para o jornalismo esportivo entram na faculdade de comunicação acreditando que o campo de futebol será sua redação. O jornalismo esportivo é, talvez, o primeiro fruto do jornalismo especializado, que dá direcionamentos por assuntos para cada editoria dos veículos de comunicação.

Aproximando-se do espaço regional, apresentamos um levantamento do histórico do Jornal A União, que ao longo dos anos se tornou um referencial histórico, conhecido como escola do jornalismo paraibano. Das páginas do jornal, focamos a editoria de esportes para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Nossa ideia foi mostrar se no jornal da capital paraibana o futebol é o primeiro plano do noticiário esportivo.

Na metodologia, utilizamos das ideias de Laurence Bardin para uma análise de conteúdo das páginas do jornal durante sete dias. Dessa forma, foi analisado o passo

a passo da notícia esportiva no decorrer da semana, mediante competições e dias de partidas de futebol no cenário nacional e no estado da Paraíba.

Também se realizou uma análise sobre a frequência de notícias sobre os esportes locais veiculados no jornal em foco.

CAPÍTULO II – O QUE É ESPORTE?

Ao longo deste trabalho monográfico iremos abordar o assunto futebol em vários momentos. Suas variantes por estado, sua história, os órgãos regulamentadores no Brasil e, principalmente, sua projeção diante da mídia, nesse caso, através das páginas da editoria de esportes do Jornal A União, de João Pessoa, na Paraíba. E como o Futebol é um esporte, uma prática esportiva, iniciamos explicando o conceito de esporte de acordo com o pensamento de diversos autores. A proposta deste capítulo foi contextualizar a monografia no intuito de fazer entender o que abordamos nos capítulos seguintes.

Wikipédia, a enciclopédia livre da internet define Esporte como uma atividade física ou mental sujeita a determinados regulamentos e que geralmente visa a competição entre praticantes. Para ser esporte tem de haver envolvimento de habilidades e capacidades motoras, regras instituídas por uma confederação regente e competitividade entre opostos. De forma geral, o esporte surgiu da necessidade do homem praticar atividades, desenvolver habilidades e superar limites.

Para Neto (2003), em geral são considerados esportes as atividades de recreio ou competitivas que exigem certa dose de esforço físico ou de habilidade. Podem ser individuais ou coletivos. No passado só eram considerados esportes as atividades recreativas praticadas livremente, como a pesca e a caça, em contraposição aos jogos, competições atléticas organizadas de acordo com regras determinadas. A distinção entre esportes e jogos hoje é menos clara, e com freqüência os dois termos são usados de forma indistinta.

Segundo Neto (2003) desde o início, o objetivo principal do esporte foi a conservação ou o incremento de atributos físicos como a agilidade ou a força. O esporte ajuda também a fomentar certas qualidades espirituais como a coragem, a disciplina e a constância. Não obstante, fica patente também que a finalidade concreta de toda atividade desportiva organizada está em conseguir recordes - os melhores resultados possíveis na prática de algum esporte - ou em derrotar um oponente; daí a organização dos campeonatos ou desafios desportivos, que se realizam a intervalos determinados.

De acordo com Barbanti (2006), algumas modalidades esportivas se praticam mediante veículos ou outras máquinas que não requerem realizar esforço, em cujo caso é mais importante a destreza e a concentração do que o exercício físico.

Diante disso, ele analisa o que pode ser ou não ser definido como esporte:

Será que correr é esporte? E fazer musculação? Jogar PingPong? Corridas de carros? E xadrez? Para responder perguntas como essas se precisa especificar que tipo de atividades pode ser classificado como esporte. Há ainda a possibilidade que algumas atividades possam ser classificadas como esporte sob certas circunstâncias, mas não quando essas circunstâncias mudam. Por exemplo, o surfe, escalada, paraquedismo, são sempre atividades descritas como esporte? É claro que não, por isso devemos nos preocupar com as condições necessárias, para certas atividades serem classificadas como esporte. (BARBANTI, 2006, p.1).

No entanto, o estudioso da área, que é professor de departamento de Educação Física e Esportes da USP, explica que com esse questionamento “a intenção aqui não é confundir ou mistificar, apenas definir esporte de modo que ajude a entender sua relação com a vida social”. (BARBANTI, 2006, p.1). Diante disso, ele tenta definir:

Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. (BARBANTI, 2006, p.3).

A história do esporte caminha de encontro para essa análise de Barbanti. Idealmente o esporte diverte, entretém, e constitui uma forma metódica e intensa de um jogo que tende à perfeição e à coordenação do esforço muscular tendo em vista uma melhora física e espiritual do ser humano. Tanto é que a história do esporte ou desporto, como é chamado em Portugal, no seu geral, se inicia com a mitologia, na Grécia, diante da imagem competitiva dos deuses gregos: fortes, competitivos e guerreiros. São os primeiros sinais do esporte pelo mundo antigo.

Já na sociedade moderna, toma forma nas escolas da Inglaterra do século XVIII, berço do capitalismo. Cercados pela ideologia capitalista, a qual prega a ordem, o racionalismo, a competição e a iniciativa individual, os alunos das escolas inglesas desenvolvem um novo formato para os jogos populares de então, dando origem ao Esporte. Surgem os campeonatos entre as escolas, os clubes e depois as confederações, instrumentos que paulatinamente vão legitimando a prática esportiva.

As modalidades esportivas podem ser em duplas ou individuais, com ou sem adversário e coletivas, que é onde entra o futebol.

2.1 - Futebol no Brasil: uma Paixão Nacional

Entre tantos esportes, o futebol é maioria no mundo. No Brasil, é preferência nacional, por isso o Brasil é conhecido como o “País do Futebol”. Afinal, segundo Duarte (2006) o futebol é o esporte mais praticado, assistido e amado do Brasil. Aliás, não só aqui. É o esporte mais praticado no mundo por mais de 200 milhões de pessoas em 190 países. Na Itália, Inglaterra e Alemanha, por exemplo, quase não há espaço para outros esportes. E devido à preferência de um público de quase 182 milhões de brasileiros que vestem camisas de futebol, a cobertura da imprensa no país também é voltada para a prática desse esporte, o que confunde muitas vezes as pessoas a acharem que sinônimo de Jornalismo Esportivo é futebol. Mas isso é assunto para depois. Então, inicio a pesquisa historicizando o Futebol no Brasil, que na verdade, ao contrário do que muitos pensam, não é um esporte genuinamente canarinho.

O jornalista Marcelo Duarte, no capítulo Esportes do livro O Guia dos Curiosos faz um relato curioso da inserção do esporte no país. Duarte (2006) conta que Charles Miller, um paulista filho de ingleses retornou da Inglaterra, para onde tinha ido estudar. De lá ele trouxe duas bolas, livros de regras do jogo e sua experiência como jogador no time inglês de Southampton. Rapidamente o esporte se espalhou entre jogadores amadores e um ano depois dois times já realizavam o primeiro jogo de futebol no Brasil. A partida foi disputada em 14 de abril de 1895 na Várzea do Carmo, em São Paulo. As duas equipes eram formadas por ingleses radicados na capital paulista. O futebol rapidamente se tornou uma paixão para os brasileiros, que frequentemente referem-se ao país como "a pátria de chuteiras" ou o "país do futebol".

César e Sobrinho (2008) lembram momentos curiosos da história futebolística no Brasil:

Os pioneiros do futebol, além de disporem de pouco tempo para o esporte, pelas responsabilidades nos negócios e nos estudos, jogavam à européia; um jogo disputado de forma viril, com longos passes e chutões, cruzamentos pelos *wings*(ponteiros) e finalizações no meio da área pelos *forward*(centroavantes), a quem cabia consignar os gols. Para isso, era permitido empurrar os *goal-keepers*(goleiros), com bola e tudo, para dentro da baliza. (CÉSAR e SOBRINHO, 2008, p. 2).

Mas nem sempre essa homogeneidade, que reúne um país por uma paixão pelo futebol foi assim. Como foi trazido por um descendente britânico de imigrantes que moravam em São Paulo, o futebol no Brasil começou como algo apenas praticado pela elite. Também havia preconceito de raça numa contradição de um esporte que hoje mistura raças, cor, sexo e até mesmo religiões. A história¹ mostra que inicialmente, apenas brancos podiam jogar futebol no Brasil como profissionais, dado o fato da maioria dos primeiros clubes terem sido fundados por estrangeiros.

Alguns fatos curiosos explicam como já havia uma paixão por diversas classes de quebrar a barreira do preconceito que envolvia a prática do esporte. Um fato que contraria a atual situação do esporte no Brasil, já que a maioria dos jogadores da seleção brasileira ou até mesmo que jogam fora do país, são de origem pobre e humilde. Ronaldo Nazário, o “fenômeno”, é uma referência. Em um jogo contra o seu ex-club, o América, o mulato Carlos Alberto no Campeonato Carioca de 1914, por conta própria, chegou a cobrir-se com pó-de-arroz para que ele parecesse branco, mas com o decorrer da partida, o suor cobria a maquiagem de pó-de-arroz e a farsa foi desfeita. A torcida do América, que o conhecia, pois ele tinha sido um dos jogadores que saíram do clube em 1914, após ter sido campeão carioca em 1913, começou a persegui-lo e a gritar "pó-de-arroz", apelido que foi absorvido pela torcida do Fluminense, que passou a jogar pó-de-arroz e talco sempre que seu time entrava em campo.

O processo de integração nacional do futebol só foi acontecer quase uma década depois desse fato. Na década de 20, os negros começaram a ser aceitos em outros clubes, e o Vasco foi o primeiro dos clubes grandes a vencer títulos com uma equipe repleta de jogadores negros e pobres. Daí surge um novo capítulo na história do futebol, que foi ganhando força e se transformando cada vez mais em uma paixão nacional.

O governo brasileiro fez questão de dar força para o crescimento do esporte no país. Durante a Era Vargas foi feito um grande esforço para alavancar o futebol brasileiro. A construção do Maracanã e a Copa do Mundo do Brasil (1950), por exemplo, foram na Era Vargas. A vitória no Mundial de 1958, com um time comandado pelos negros Didi e Pelé, pelo mulato Garrincha e pelo capitão paulista Bellini, ratificou o futebol como principal elemento da identificação nacional, já que

¹ - De Wikipédia. Os dados na íntegra estão disponíveis em http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_do_Brasil acessado em 10 de fevereiro de 2014.

reúne pessoas de todas as cores, condições sociais, credos e diferentes regiões do país.

Muitos elementos também reforçam a tese de que o Brasil é o “país do futebol”. Duarte (2006) reforça essa ideia exemplificando a imponência do Maracanã, no Rio de Janeiro, à época, o maior estádio do mundo. A construção do estádio começou no dia 2 de agosto de 1948 e durou quase dois anos, exatos 665 dias. O estádio, inaugurado em 16 de junho de 1950, acabou virando um monumento e um cartão-postal para a cidade do Rio e para o Brasil. Em um único dia, na partida entre Brasil X Paraguai, em 1969, um público de 183.341 torcedores lotaram as arquibancadas do estádio. Até hoje esse é o recorde oficial de público no estádio.

A história de Pelé e o título de “Rei do Futebol” também reafirmam a tese de “País do Futebol”. É também do Brasil Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, que nasceu em Três Corações, Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940. O primeiro apelido futebolístico de Pelé foi “Gasolina”. O “Rei” jogou 1366 vezes; marcou 1282 gols; jogou 115 vezes pela seleção brasileira e tem 32 títulos, entre artilheiro, copas do mundo, campeonatos estaduais, entre outros.

O que Vargas, quando ajudou o Futebol a crescer, e Pelé, como seu título, não sabiam, é que o esporte se tornaria em um negócio que movimenta cerca de R\$ 40 bilhões por ano, segundo dados de uma pesquisa Realizada pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente mais de trinta mil jogadores são registrados no Brasil, em cerca de mil clubes profissionais. Pelé também foi precursor desse processo quando criou o Projeto de Lei 9.615/98, que entrou em vigor em 2001, instituindo o passe livre. Segundo a Lei Pelé, que levou o nome do autor, o passe, que era o vínculo do jogador com o clube, passou a ser substituído por um vínculo trabalhista e desportivo, permitindo que um jogador sob contrato fosse contratado por outra equipe mediante o pagamento de uma cláusula penal, o resultado é claro até hoje: os dados da Fundação Getúlio Vargas mostram que somente em 2008, cerca de 1.176 jogadores saíram do Brasil para jogar no exterior, a maioria em times da Europa, criando um mercado esportivo que é criticado por técnicos e nomes experientes no assunto, como Carlos Alberto Parreira, tetracampeão mundial com a seleção brasileira e Vanderlei Luxemburgo, cinco vezes campeão brasileiro.

2.1.1 – Brasil, uma nação exportadora

Com a chegada do século XXI, nota-se uma forte tendência de saída de atletas brasileiros para clubes da Europa. Os clubes ficavam cada vez mais enfraquecidos, além de terem perdido a autonomia e os direitos sobre o "passe" dos jogadores a partir da Lei Pelé. Ano após ano, aumentava em todas as regiões do mundo a quantidade de futebolistas brasileiros em atuação por outros países economicamente mais fortes.

Não é novidade para ninguém a facilidade com que o Brasil forma jogadores de futebol. Escolinhas, peneiras e clubes vivem lotados de jovens que alimentam o sonho de um dia se tornarem profissionais. O caminho muitas vezes é árduo. Para alguns, a solução é arrumar as malas e tentar a sorte em outro lugar. E se a quantidade de talento produzida é elevada, o número de saída de atletas também. O Brasil é o país que mais exporta jogadores para o resto do mundo. Só no ano de 2013, por exemplo, 1558 brasileiros foram negociados para clubes de fora, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Os atletas de ponta conseguem espaço nas maiores ligas do planeta, como Inglaterra, Espanha, Alemanha e Itália. Para outros, porém, a oportunidade aparece em países sem tanta tradição futebolística. Há também os mercados em ascensão, caso de China e Estados Unidos, lugares onde o futebol ainda não é forte tecnicamente, mas os clubes estão investindo e pagando cada vez mais. Para se ter uma ideia, dos 200 países filiados à FIFA, 180 contam com jogadores brasileiros atuando em suas ligas.

Em muitos casos os atletas saem desconhecidos daqui e constroem a carreira praticamente toda em outro país. Tornam-se ídolos das suas torcidas e criam uma identificação não apenas com o clube, mas também com a cultura dos lugares em que vivem. E como a concorrência para chegar à seleção brasileira é pesada, alguns optam por defender outra nacionalidade. É comum ver brasileiros atuando por diversas seleções em Copas. Alguns casos foram marcantes. O meia Deco, por exemplo, jogou por Portugal de 2003 a 2010, disputando dois Mundiais e duas Euros com a seleção lusa. Marcos Senna, volante revelado pelo Rio Branco de Americana, se naturalizou espanhol e conquistou o título europeu de 2008, além de ter participado da Copa de 2006 com "La Roja". Já o maranhense Oliveira, após fazer muito sucesso no futebol belga, atuou pela seleção do país na Copa de 1998.

Se voltarmos no tempo, o centroavante Mazzola, após ser campeão mundial com a seleção brasileira em 1958, se transferiu para a Itália e, aproveitando sua dupla cidadania, jogou a Copa de 1962 pela “Azurra”. Naquela época era permitido um jogador disputar Copas por seleções diferentes, regra que não está mais em vigor.

2.2 – Campeonatos Nacionais

A grande novidade do calendário do futebol brasileiro na década de 1980 foi a criação da Copa do Brasil em 1989, que teve o Grêmio como o campeão de estreia. A década seguinte inicia-se com o quinto título nacional do Flamengo no Campeonato Brasileiro de Futebol em 1992, o que daria à equipe o troféu do campeonato de maneira definitiva, embora a CBF não reconheça o mérito, devido a imbróglios durante a organização da Copa União de 1987.

Existem várias competições no país, mas apenas dois campeonatos se destacam em importância para a cena futebolística do país. São eles:

- **Copa do Brasil:** Torneio criado em 1989, a Copa do Brasil de Futebol em suas primeiras edições era relegado ao segundo plano. Hoje, ganhou importância devido a um número maior de participantes e, principalmente, por causa da vaga para a Copa Libertadores da América do ano seguinte reservada ao campeão. É a única chance dos times pequenos (como o Santo André, em 2004, e o Paulista de Jundiaí, em 2005) conseguirem acesso à competições internacionais, sem precisar ganhar o competitivo Campeonato Brasileiro de Futebol, em todas as suas divisões.
- **Campeonato Brasileiro:** O Campeonato Brasileiro de Futebol ou Brasileirão foi criado apenas em 1971 pela CBF para ser o principal torneio de futebol no âmbito nacional. O campeonato teve com antecessores a Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, reconhecidos em 2010 como conquistas nacionais equiparadas ao campeonato brasileiro. Ainda hoje, algumas dificuldades são notórias para a sua realização. A fórmula foi alterada inúmeras vezes e as divisões inferiores sempre sofreram com o descaso e a falta de planejamento. Nos últimos anos, porém, o campeonato ganhou consistência com a adoção, desde a edição de 2003, do sistema de pontos corridos, onde a

competição é disputada em dois turnos, sendo o time que somar o maior número de pontos o campeão. O torneio cede vaga para as competições internacionais, Libertadores e Sul-Americana, além de rebaixar clubes para a Segunda Divisão. O Campeonato Brasileiro é disputado em quatro divisões, além da Série A, existem também as Séries BC e D

2.3 – O Futebol na Paraíba

Além de uma formação no jornalismo, a escolha do tema deste trabalho monográfico pode ser explicada pela minha aproximação com o esporte, como torcedor e admirador do esporte na Paraíba. No jornalismo, os profissionais se inclinam para determinadas áreas. Entre essas, o esporte é uma das que mais atrai o autor desta pesquisa. Portanto, a ideia de pesquisar sobre esse tema, dentro dos jornais locais, se deu pela minha inclinação como estudante para a área do jornalismo esportivo.

Fora do eixo Rio-São Paulo, onde se encontram os times mais bem estruturados do Brasil, a Paraíba apresenta um futebol pequeno, mas com grande participação do torcedor em suas partidas e campeonatos. Há uma paixão notável do paraibano pelos times do coração. Times esses que surgiram no amadorismo. Poucos dados oficiais contam a história da Paraíba, embora o esporte seja uma prática constante no Estado. É possível encontrar o relato apenas em sites e em portais de órgãos de futebol, como a Federação Paraibana de Futebol.

A História do futebol da Paraíba começou na capital do estado, João Pessoa. Foi lá que um grupo de acadêmicos conterrâneos, que de férias na cidade no ano de 1908 tiveram uma idéia. Jamais a geração atual dos que se dedicaram ao referido esporte, poderá avaliar o entusiasmo de toda a terrinha pelo êxito de tão oportuna e louvável iniciativa.

Em 10 de janeiro de 1908, quando o acadêmico José Eugênio Soares trouxe do Rio de Janeiro a primeira bola de futebol e juntamente com outros colegas, fundou o "Club de Foot Ball Parahyba". Como não podia deixar de ser, para a primeira demonstração, dividiram o clube recém-fundado em duas equipes: Norte e Sul. Tomadas as necessárias providências, realizaram o primeiro ensaio de futebol, na tarde do dia 15 de Janeiro de 1908, no local denominado "Sitio do Coronel Manoel Deodato" nas imediações onde hoje localiza-se a Praça da Independência. Várias

famílias e moradores da região assistiram a essa partida. Aos olhos do povo, estava surgindo o Futebol da Paraíba. A atividade foi ganhando forma, tanto é que cresceu de forma rápida e ganhou popularidade que foi preciso criar a fundação de uma entidade futebolística, a fim de orientar e organizar o número de clubes que começaram a aparecer no cenário paraibano. Por iniciativa dos times do Brasil Foot Club, Red Cross, Ipiranga, Independente e tantos outros clubes, foi fundada a "Liga Parahybana de Foot Ball", no dia 5 de Março de 1914.

No crescimento dos times e na organização dos clubes, nota-se que a imprensa teve um papel representativo no ramo do Futebol da Paraíba. A história mostra que as primeiras reuniões dos clubes, que já se se organizavam e pensavam nos primeiros campeonatos, aconteceram na redação do jornal O Norte, em João Pessoa, assim como no Diário da Borborema, em Campina Grande. O jornal O Norte fez parte do grupo Diários Associados, e era possível encontrar o maior acervo histórico do futebol paraibano nesses veículos de comunicação.

Segundo a Federação Paraibana de Futebol, existem vários times que compõem o Futebol da Paraíba. Ao todo, dez equipes disputam a primeira divisão do Campeonato Paraibano. Em 2014, os participantes foram: Auto Esporte, Atlético de Cajazeiras, Botafogo, Campinense, CSP, Queimadense, Santa Cruz de Santa Rita, Sousa, Sport Campina e Treze. Os clubes de maiores torcidas e tradições são: Botafogo na capital do estado, Campinense e Treze em Campina Grande. Os três já decidiram o campeonato estadual várias vezes entre si, causando uma rivalidade esportiva que já virou tradição na Paraíba.

- **Campinense Clube (Campina Grande):** Em 12 de Abril de 1915, a nata da sociedade local fundou um clube dançante, o Campinense Clube. Como ainda não contava com sede própria, o novo clube passou a funcionar no Colégio Campinense, por isso o nome do clube, que até então estava em fase de escolha. O rubro-negro de Campina Grande começou sua trajetória em 1915, mas sua torcida precisou esperar até 1960 para poder comemorar a conquista de um título estadual, em virtude de uma norma que estava em vigor desde 1919, que proibia a existência de um departamento de futebol na estrutura administrativa do clube, e só revogada em 1954. Em compensação, a vitória abriu a série do hexacampeonato estadual, feito inédito e até hoje não repetido pelos clubes paraibanos. O Campinense tem sua sede social em Campina

Grande, no bairro da Bela Vista, onde também funciona o centro de treinamento do clube. Único Hexacampeão paraibano o Campinense Clube acumula diversos títulos e é carinhosamente chamado pela imprensa paraibana de “Equipe Cartola”.

- **Treze Futebol Clube (Campina Grande):** O Treze Futebol Clube surgiu do carinho e da paixão pelo futebol de treze desportistas, por isso o nome do Clube. Os apaixonados reuniam-se para discutir o time com o propósito de fundar uma sociedade esportiva. O nome foi uma proposição de José Casado, fundamentada no número de sócios que haviam assinado a primeira ata. Já as cores foram propostas por Plácido Vêras. A história do Treze é grandiosa, não podendo ser resumida em poucas palavras. De modo detalhado, em 2006 foi lançado o livro "Treze Futebol Clube: 80 anos de história". Em 17 de março de 1940 o time ganhou um campo próprio: o Estádio Presidente Vargas, que é um dos orgulhos do torcedor Trezeano e um dos maiores patrimônios de um clube de Futebol da Paraíba. Localizado no bairro do São José, o estádio abriga a maioria dos jogos do Treze, que tem a maior torcida do estado, com mais de meio milhão de torcedores.
- **Botafogo Futebol Clube (João Pessoa):** O maior campeão estadual da Paraíba é uma agremiação esportiva brasileira da cidade de João Pessoa. Fundado em 28 de setembro de 1931 por um grupo de estudantes, o Botafogo é chamado de Belo pela imprensa local. Esse apelido nasceu da vibração de um gol do então conselheiro do time Antônio de Abreu e Lima. O fanático gritou tantas vezes o adjetivo após o gol que o apelido acabou pegando. O mascote do Botafogo é o xerife. Os jornalistas esportivos chamam a agremiação de Xerifão do Nordeste. É também o primeiro e único time da Paraíba a ter sido campeão oficialmente de uma das divisões do Campeonato Brasileiro de Futebol, ao ter vencido a Série D do Nacional de 2013.

Desde suas fundações, esses três times rivalizam os títulos do campeonato estadual, organizado pela Federação Paraibana de Futebol. Antes da década de 50 o Campeonato Paraibano era considerado um torneio amador no qual os únicos que concordavam em participar era os times da capital João Pessoa. Atualmente, o

campeão paraibano é o Botafogo Futebol Clube de João Pessoa, e o atual vice é o Campinense Clube. O Botafogo possui 27 títulos, seguido do Campinense, com 19.

2.4 – As Entidades Esportivas no Brasil

Futebol é coisa séria. Além do amadorismo jogado nas várzeas e em bairros, existem entidades que cuidam e regulamentam os campeonatos e os times de futebol no Brasil. São elas:

- **CBF** - A Confederação Brasileira de Futebol é a entidade máxima do esporte no país. Organiza todos os campeonatos em território nacional e representa o Brasil nas competições internacionais entre países com a Seleção Brasileira. Fica sediada na cidade do Rio de Janeiro e tem como atual presidente José Maria Marin.
- **Clube dos 13** - O Clube dos 13 é a associação criada em 1987 para organizar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Seria o órgão responsável por criar uma liga de clubes, porém, este fato só foi concretizado em seu ano de fundação e em 2000, devido a problemas da CBF na organização do campeonato, gerando assim a Copa União e a Copa João Havelange para cada ano respectivamente. Atualmente o Clube dos 13 ainda existe, mas desde 2011 está enfraquecido politicamente após a saída de vários clubes que não mais concordavam com o formato de negociação das cotas de transmissão de jogos pela TV, principal atribuição da associação.
- **STJD** - O Superior Tribunal de Justiça Desportiva é órgão jurídico no âmbito desportivo no Brasil. Ele é responsável por julgar os casos envolvendo clubes e atletas. É comum sua participação no cotidiano do futebol brasileiro a partir de julgamentos de casos de suspensão por cartões vermelhos e amarelos, casos de agressão ou mesmo de *doping*. Seu órgão inferior é o Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), que atua a nível estadual.
- **Federações Estaduais** - As Federações estaduais são as responsáveis por regular o futebol em cada Estado que lhe têm circunscrição. São órgãos inferiores e ligados à CBF, tendo autonomia própria para organizar campeonatos, eleger presidente, assinar contratos e reconhecer clubes e associações ligadas ao esporte.

CAPÍTULO III - JORNALISMO ESPECIALIZADO: NOVOS CAMINHOS PARA COBERTURAS JORNALÍSTICAS ISOLADAS

Tavares (2007) associa o surgimento do jornalismo especializado ao surgimento das novas tecnologias. Quando a TV e o Rádio surgiram, novos grupos sociais também começaram a aparecer. E os jornais, se vendo ameaçados, no eterno mito do “fim dos impressos”, resolveram criar áreas específicas para suas coberturas. A partir daí, deixa-se de lado uma cobertura geral e passa-se a ter uma cobertura mais direcionada. A revista de entretenimento O Cruzeiro, entrou em circulação em 1928, seguida de Manchete e Fatos & Fotos. Esta última deu início as revistas das celebridades, que hoje são representadas pela Caras, Quem, entre outras.

Assim como o jornalismo policial, o cultural, político, econômico e o ambiental, o jornalismo esportivo faz parte de segmentos isolados de uma área nova em discussão, mas antiga na prática: o jornalismo especializado, que divide, dentro de um jornalismo misto, diversas áreas de cobertura e atuação, para jornalistas e veículos de comunicação, que não tão mistos como os jornais e revistas de notícias em geral, buscam um único assunto.

A Revista Bravo!, da Editora Abril, traz apenas reportagens voltadas para a área cultural. O Valor Econômico é um jornal impresso voltado somente para o lado da economia. Na área esportiva podemos citar a conhecida Revista Placar e a Revista Lance, que fazem parte desse ramo do jornalismo segmentado ou especializado, como explica Tavares (2007):

Nas sociedades contemporâneas, no que diz respeito à mídia e aos seus diversos campos de atuação, há uma série de produtos culturais voltados para segmentos específicos de público, pensando uma comunicação mais direcionada, que dê conta de “atingir e suprir” certas necessidades ou de acompanhar certas identidades. Tal processo – a relação mídia com a sociedade – não é exclusivados dias atuais, mas vive hoje uma fase de grande adensamento (complexidade) se pensarmos comparativamente os processos históricos comunicacionais (midiáticos). (TAVARES, 2007, p. 47).

Esse jornalismo, que o pesquisador e jornalista Frederico de Mello Tavares, de Porto Alegre, explica não ser tão novo, ganha dimensão em uma sociedade cada vez mais exigente, que filtra informações pelo gosto e pela escolha do que quer ler, ouvir ou assistir na TV. Fazendo uma análise como leitor e não como estudante da área

nem futuro profissional do jornalismo, pode-se perceber que o leitor está mais crítico. Informação custa caro. Assinar um provedor de internet ainda não tem baixo custo. Portanto, ninguém paga por aquilo que não tem nenhuma serventia para si. A própria internet já é uma prova disso. Na grande rede, principalmente em sites de notícias, nós damos um “click” apenas em cima da informação que queremos absorver. O que não interessa ao leitor está ali, como prato do cardápio, mas cabe ele ver ou não. Portanto, o jornalismo especializado age de uma forma que não se preocupa somente em produzir em massa ou produzir sobre tudo e qualquer assunto, para tudo e para todos, mas que se preocupa em atender um público específico e definido, como ressalta Tavares mais uma vez:

[...] Nas revistas de periodicidade variada (quinzenal, mensal, etc.), voltadas para um público específico e, consideradas mais especificamente como representantes de um jornalismo especializado, distinto daquele “puramente” noticioso, encontra-se uma especialidade temática, uma conformação própria sobre a realidade e uma interação distinta com a sociedade. Em tais publicações, apresenta-se uma forma específica de enunciação e, conseqüentemente, de discurso. Há, nelas, também, uma forma de ver a realidade e, ao mesmo tempo, uma sensibilidade própria para falar da mesma [...]. (TAVARES, 2007, p. 48).

O que Tavares aponta é interessante, à medida que, fazendo uma reflexão, podemos perceber que nem todo mundo vai lembrar que Thruvan Capote foi o autor de *À Sangue Frio*; ou que o *Cirquedu Soleil* é do Canadá e possui treze espetáculos que rodam o mundo ao mesmo tempo; que Criciúma em Santa Catarina, tem um PIB mais elevado que o de Florianópolis, a capital do Estado. De início, alguém que entende de cultura e lê sobre cultura vai saber que Capote foi o autor da obra *À Sangue Frio*, mas pode não está ligado sobre as notícias da área econômica, sobre o crescimento do PIB no sul do país. O que Tavares demonstra no seu pensamento é que o jornalismo especializado também possui uma linguagem própria e mais propriedade para falar sobre assuntos específicos.

A pesquisadora Ana Carolina de Araújo Abiahy, da Universidade Federal da Paraíba, uma realidade próxima a que este trabalho de pesquisa monográfica aborda, vê o jornalismo especializado como “Informação para todos os gostos”.

Entender jornalismo especializado serve de contextualização e referencial para Jornalismo Esportivo, que vamos tratar em breve.

Voltando ao pensamento de Abiahy, podemos destacar que, de acordo com a pesquisadora, o jornalismo especializado surge em um momento de globalização,

mas também em um momento de individualidade, onde cada grupo quer construir sua própria identidade e pensa cada vez mais em si próprio ou em torno de uma parcela na qual está inserida, criando audiências também próprias e que consomem produtos parecidos. Pode-se incluir produtos também como informação. (ABIAHY, 2005).

Ela aponta que:

Nesse estágio em que as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento com a coletividade, faz sentido que a informação procure atender às especificidades ao se dirigir aos públicos diferenciados. É neste panorama que o perfil do jornalista sofre alterações, as publicações passam a dedicar-se mais a informação personalizada, portanto o jornalismo especializado tende a se desenvolver cada vez mais. (ABIAHY, op. cit. p. 5).

Abiahy também explica que a prática do jornalismo especializado é maior no ramo dos impressos, embora as TV's por assinatura já tenham incorporado o segmento em suas grades de programação. Há canais voltados especialmente para uma área, como SPORTV, para a área esportiva; GNT, voltado para um público feminino e o Multishow, que mostra os bastidores de festas, shows, eventos e a cobertura de grandes shows. Nos impressos, é comum encontrar hoje em dia uma gama de revistas segmentadas na área de saúde, bem estar; revistas femininas que mostram como as pessoas devem cuidar do corpo ou se alimentar bem; revistas de esportes ou exemplares de economia.

3.1 – Jornalismo Esportivo

O jornalismo esportivo é um dos segmentos mais fortes do jornalismo especializado, segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2004). A área quase que caminha sozinha, tanto é que existem programas de TV e noticiários estritamente esportivos. O Lance!, jornal diário, o qual Paulo Vinícius Coelho fez parte, é referência de jornalismo esportivo em veículo impresso.

Mas não foi sempre assim. Coelho (op. cit.) lembra que o surgimento do Jornalismo Esportivo no país do futebol galgou degraus difíceis, enfrentando preconceitos. Ao contrário do que se vê hoje, no início do século XIX, o noticiário esportivo girava em torno de pequenas coberturas de modalidades como ciclismo e remo, afinal, este último já foi o esporte mais praticado no eixo Rio-São Paulo. Vale

salientar que clubes como o Vasco e o Botafogo surgiram para realizar regatas na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro.

Mas foi também no Rio, inclusive, que o jornalismo esportivo foi conseguindo cada vez mais espaço na Imprensa. Daí surgiu nas redações dos veículos de comunicação a editoria do Jornalismo Esportivo, que sem dúvida, conseguiu expansão com a paixão e o interesse do brasileiro pelo Futebol.

Assis (2009) explica como se deu esse capítulo da história do jornalismo esportivo brasileiro:

No início, as matérias tratavam apenas da divulgação dos resultados e, posteriormente, foram publicadas notícias sobre o cotidiano dos clubes, as vidas dos jogadores, bastidores. Com o espaço cada vez maior nas publicações nacionais para o cotidiano do futebol e os campeonatos disputados, havia uma necessidade de organização da imprensa esportiva nacional. (ASSIS, 2009, p. 26).

Quem conhece hoje, mesmo que não seja estudioso da área, a importância que a mídia dá aos esportes no Brasil e no mundo não imaginava que o placar era a única matéria divulgada sobre esportes em tantos jornais do país.

O noticiário esportivo perdia espaço para assuntos da economia, da cultura e, principalmente, para a cobertura política, que até então era – e ainda é, de certa forma, o carro chefe dos jornais. Coelho (2004) lembra que:

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias ou nos campos, nos ginásios, nas quadras, valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana oferecia. (COELHO, 2004, p.9).

A Placar foi a primeira revista inteiramente esportiva do Brasil. Foi inaugurada nos anos 60. O jornalista Paulo Vinícius Coelho lembra que muita gente achava que a revista de esportes mais lida do Brasil não sairia dos primeiros números. Anos antes, por volta de 1910, já havia material esportivo nas páginas do jornal Fanfulla. Embora o veículo não tenha sido um jornal de referência de São Paulo, como a Folha e o Estadão, o jornal popular atingia muita gente, que por sinal, se interessava bastante pelo noticiário esportivo e futebolístico. O jornal ajudou a fundar um clube, o Palestra Itália, que durante a Segunda Guerra Mundial, passou a se chamar Palmeiras. Daí

pra frente, o Fanfulla, que hoje serve de arquivo sobre o Palmeiras e outros clubes de São Paulo, passou a narrar uma das principais brigas esportivas do país: os duelos entre os são-paulinos e os palmeirenses. O jornal chegou a dedicar páginas inteiras às coberturas dos jogos em São Paulo, como do Corinthians e do Santos. O jornal também se dedicou ao surgimento de novos times, como o Flamengo, que apareceu neste cenário em 1911.

Outros jornais surgiram a partir da paixão de jornalistas que criaram jornais esportivos e consagraram o esporte brasileiro na mídia. Nessa primeira fase do jornalismo esportivo brasileiro, um grande nome da nossa crônica esportiva foi fundamental, Mário Filho, irmão de outro grande nome da imprensa esportiva, Nelson Rodrigues. Mário trabalhou no pioneiro *Jornal dos Sports* e fundou o *Mundo Sportivo*. Ele é tão importante na história que foi homenageado com a nomenclatura de um importante estádio de futebol. Para os que não sabem, o Maracanã é o Estádio jornalista Mário Filho.

A importância do esporte nas publicações brasileiras ocorreu de maneira paulatina. Somente a partir dos anos 60 é que o volume de cadernos esportivos aumentou no Brasil. A partir desse período, entramos na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. A organização dos jornalistas esportivos no Brasil só aconteceu em 1974, quando Mauro Pinheiro assumiu, pela primeira vez, a presidência da ABRACE (Associação Brasileira dos Cronistas Esportivos).

Pode-se entender que a ABRACE fez surgir um formato de jornalismo esportivo que muitos brasileiros gostam de ver e admiram: o debate, os comentários, as críticas. Dessa forma o esporte, cada vez mais, crescia em importância nos veículos de comunicação. As inovações no trato da informação cresciam e a concorrência entre os mesmos também. Com isso, a disputa para captar a atenção dos torcedores e, conseqüentemente, garantir a audiência para se consagrar como um programa de sucesso era maior. Nesse contexto, um dos maiores jornalistas esportivos da história do Brasil, Luis Mendes, foi o criador de uma das mais importantes formas de debater a notícia, a rodada e todos os assuntos afins do futebol e que cativou o gosto do público. Foi a Mesa Redonda, que ganhou formas e formas, mas que não deixa de ser feita, embora não seja no formato de uma mesa redonda. O que se faz hoje de um jeito diferente foi criado por Luis Mendes.

A Copa do Mundo da Suécia cravou de vez o espaço do futebol na mídia nacional. Naquele período, existiam 708 estações de rádio, oito de televisão e mais

de 250 jornais diários, tudo isso com as atenções voltadas para o desempenho da seleção canarinho em solo europeu.

As rádios foram de grande importância para o crescimento do jornalismo esportivo no Brasil. A primeira transmissão ao vivo aconteceu em 19 de julho de 1931, quando Nicolau Tuma narrou o jogo entre *Seleção Paulista 6x4 Seleção Paranaense*, no estádio da Floresta, em São Paulo. Nesse confronto surgiu o grito do “gol”. Segundo Vera Regina Toledo Camargo (2004) apud Assis (2009), nas décadas de quarenta e cinquenta houve uma massificação dos esportes juntamente com os meios de comunicação, após a junção do futebol com o rádio. Isso fica exemplificado com o fato de os torcedores acompanharem as partidas longe dos estádios, pelo rádio, e também levarem os seus radinhos para o próprio campo de jogo. Como referência, temos as rádios Globo, CBN, Rádio Jovem Pan, entre outras. Vale lembrar que um dos mais famosos narradores do Brasil, Galvão Bueno, da Rede Globo, também iniciou a sua carreira em meados de 1970, no rádio.

A Televisão também teve sua participação na cobertura dos esportes, como tem, em grande impacto, até hoje. Em 1950, entrou no ar a TV Tupi, de São Paulo, de Assis Chateaubriand, dos Diários Associados. Desde o princípio, os programas esportivos tiveram uma atenção especial da emissora paulista. Entretanto, a primeira transmissão colorida de uma partida de futebol só aconteceu em 1972, no jogo entre *Grêmio/RS e Caxias*.

No primeiro instante, as principais emissoras de televisão que cobriam o futebol eram a própria Tupi, a TV Rio, fundada em 1955, a Continental e a Excelsior. Porém, após a fundação da Rede Globo, todas sucumbiram. A emissora de Assis Chateaubriand contava, naquela época, com Ary Barroso, Antônio Maria e, posteriormente, com Rui Viotti nas transmissões. A TV Rio tinha Luis Mendes e Léo Batista. Com a chegada da televisão no meio esportivo, surgiu a tendência dos vários nomes consagrados no rádio e nos jornais impressos irem para as telinhas e começarem a se destacar nas transmissões e nos programas esportivos da TV, como Galvão Bueno, que já citamos anteriormente.

A década de noventa foi marcada pela criação dos canais fechados da Globo, o Sportv, que, a princípio, foi comandado por Armando Nogueira, ilustre jornalista esportivo já falecido. Além do Sportv, o Grupo Abril criou a TVA Esportes, que, posteriormente, transformou-se na ESPN Brasil. Até hoje, esses dois canais são os mais fortes e importantes do seguimento privado no país.

Além do impresso, da TV e do rádio, a internet foi um dos canais de comunicação que fortaleceram ainda mais a cobertura do esporte através do jornalismo. Como na história de todos os outros veículos do país, o futebol não foi introduzido logo de imediato, mas não demorou a figurar neste novo suporte informacional. O esporte teve a sua inserção nesse novo meio de comunicação no período da Copa do Mundo de 1998. A partir de então, a criação de sites começou a ser intensa.

Nesse novo mercado, alguns sites totalmente especializados em esportes e, claro, com maior enfoque no futebol, saíram na frente. *Pelé.net*, *Lancenet!* e *IG* foram alguns destes. Nesses portais, a atualização constante de informações sobre clubes, transferências, campeonatos nacionais e internacionais deixaram o internauta em contato direto e praticamente simultâneo com o que acontecia no mundo da bola. Essa tendência foi aprimorada e, hoje, o que se vê nos sites desse conteúdo é uma busca pela atualização constante, na intenção de levar a informação recém-descoberta para o público.

Em um levantamento feito pelo IBOPE (2006) sobre a busca de informações na internet brasileira em sites de esporte, fica evidenciado a força que a mesma já possui no dias de hoje. E, mais ainda, a demanda de conteúdo ligado ao futebol que os leitores buscam.

No final do ano de 2005, 3,2 milhões de internautas brasileiros acessaram, especificamente, sites de esportes. Esse número representa um aumento de 43%, em relação a 2004. Essa informação demonstra que, apesar de já ser um assunto consolidado entre os veículos de comunicação, o esporte ainda tem campo suficiente para crescer.

O mesmo instituto também realizou um levantamento no ano seguinte e comprovou o crescimento dos acessos em sites esportivos. Durante o mês de junho de 2006 - período da Copa do Mundo da Alemanha - houve um aumento de 18,5% na audiência específica de conteúdos esportivos na internet, mais precisamente o futebol. Isso significa que a marca significativa de 5,5 milhões de leitores, que aumentou nos últimos anos, sobretudo nesta copa de 2014, que a tecnologia aliada à cobertura esportiva, levou as notícias do Brasil para o mundo inteiro.

O crescimento do jornalismo esportivo, que não foi tão fácil em nenhuma das mídias do jornalismo (impresso, TV, rádio e internet) também transformou o noticiário do brasileiro em momentos de entretenimento com informações que não são somente

voltadas para uma vida política ou econômica. Isso comprova uma opinião de Marques de Melo que diz que “a mídia e o esporte passaram a preencher fatias consideráveis nos momentos de ócio dos indivíduos e das comunidades”. (MELO, 2003, p. 112).

3.1.1 – O Jornalismo esportivo representado pelo futebol

Atletismo, vôlei, judô, natação, basquete, entre outros. A lista de esportes existentes e praticados no mundo e no Brasil é quase que infinita, no entanto, o Futebol é o esporte que mais tem destaque nos cadernos esportivos dos jornais, além de espaços maiores nas programações das TVS e Rádios. Isso explica o título de “país do futebol”.

Nosso estudo acerca do Jornal A união, especificamente do caderno de esportes do jornal, também tentou mostrar que no periódico, assim como em outros veículos, o Futebol é o primeiro plano das coberturas. Por isso, abrimos espaço neste ponto desta pesquisa para abordar a relação entre o jornalismo esportivo e o futebol, que muitas vezes representa toda uma gama de outros esportes que perdem espaço na cobertura da imprensa. Salvo em anos de Olimpíadas, Pan-americanos e eventos amadores isolados.

Estudiosos como Paulo Vinícius Coelho, jornalista e pesquisador da área do jornalismo esportivo, citado neste trabalho monográfico, se preocupa com o que vê diante do jornalismo esportivo ter exclusivamente uma imagem errada de futebol.

Segundo ele, até nas redações a divisão dos que cobrem futebol e dos que cobrem outros esportes é clara:

[...] geralmente fica bem separada a equipe que se dedica a futebol da que faz outras modalidades. Não quer dizer que quem se dedica a futebol não precise cobrir outro esporte. Mas é mais clara a divisão nas outras modalidades. Quem faz basquete também faz vôlei, boxe, etc. [...]. (COELHO, op. cit. p.36).

Às vezes, a paixão pelo futebol, como Coelho ressalta no seu livro jornalismo esportivo, faz muitos jovens jornalistas escolherem o jornalismo para seguir, um dia, a carreira de jornalista esportivo achando que vai cobrir futebol. O que, segundo ele, é engano:

Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte. Quem for louco por vôlei, basquete, quem tiver paixão por tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade está excluída. [...]. (COELHO, op. cit).

A grande preferência dos profissionais pelo futebol cria a ausência na cobertura dos outros esportes, o que segundo Coelho (op. cit.), explica a existência de tantos atletas como comentaristas esportivos em outros esportes.

Na verdade, no início do tópico sobre jornalismo esportivo, comenta-se que este é um segmento do jornalismo especializado que praticamente anda sozinho. Isso também reflete o fato de muita gente acreditar que jornalismo esportivo se restringe ao futebol. É que é nesse meio que vemos jargões e coberturas maiores.

Qual outro esporte tem uma copa do mundo que atrai milhares de jornalistas para o país onde o evento acontece? Nenhum outro, certamente. Este é o meu ponto de vista enquanto estudante de jornalismo, que acompanha o trabalho da imprensa diante da área esportiva.

Deve-se a essa cobertura exclusiva para o futebol o auge e o sucesso que as revistas futebolísticas fazem. Não se vê, além do surfe e do futebol, revistas que cobrem especificamente outro esporte. Houveram tentativas que fracassaram. A revista Saque, dedicava-se exclusivamente a vôlei. Durou pouquíssimos anos. Começou a circular e antes mesmo do fim da década de 80, sucumbiu. No fim da mesma década, havia outra revista chamada Lance Livre, que não também não vingou. Além dessas, aponta-se a Superbasquete, que também durou pouco tempo. Mesmo assim, Coelho (2004) afirma que “jornalismo esportivo não é sinônimo de futebol”. (COELHO, op. cit., p. 35.).

CAPÍTULO IV – JORNALISMO IMPRESSO

Hoje, o jornalismo tem várias formas. A internet é uma das mais procuradas maneiras do leitor se informar. Mas foi no jornalismo impresso, de papel, que as pessoas recebiam as notícias do que acontecia do mundo. Desde séculos antes, publicações tinham sido criadas e distribuídas regularmente pelos governos. As primeiras reproduções da escrita foram, sem dúvida, obtidas sob um suporte de (cera)

ou de (argila) com os selos cilíndricos e cunhas, encontrados nas mais antigas cidades da Suméria e da Mesopotâmia do século XVII a. C.

A primeira publicação regular de que se tem notícia foi a *Acta Diurna*, que o imperador Augusto mandava colocar no Fórum Romano no século I de nossa era. Esta publicação, gravada em tábuas de pedra, havia sido fundada em 59 a.C. por ordem de Júlio César, trazendo a listagem de eventos ordenados pelo Ditador (conceito romano do termo). Na Roma Antiga e no Império Romano, a *Acta Diurna* era afixada nos espaços públicos, e trazia fatos diversos, notícias militares, obituários, crônicas esportivas, entre outros assuntos.

O primeiro jornal em papel, *Notícias Diversas*, foi publicado como um panfleto manuscrito a partir de 713d.C., em Kaiyuan, em Pequim, na China. Kaiyuan era o nome dado ao ano em que o jornal foi publicado. Em 1041, também na China, foi inventado o tipo móvel. O alfabeto chinês, entretanto, por ser ideográfico e não fonético, utiliza um número de caracteres muito maior que o alfabeto latino europeu. No ano de 1908, os chineses comemoraram o milenário do jornal *Ta King Pao* (Gazeta de Pequim), apesar de a informação não ter comprovação absoluta.

Em 1440, Gutenberg desenvolve a tecnologia da prensa móvel, utilizando os tipos móveis: caracteres avulsos gravados em blocos de madeira ou chumbo, que eram rearrumados numa tábua para formar palavras e frases do texto.

Na Baixa Idade Média, as folhas escritas com notícias comerciais e econômicas eram muito comuns nas ruidosas ruas das cidades burguesas. Em Veneza, as folhas eram vendidas pelo preço de uma *gazeta*, moeda local, de onde surgiu o nome de muitos jornais publicados na Idade Moderna e na Idade Contemporânea.

Esta arte propagou-se com uma rapidez impressionante pelo vale do Rio Reno e por toda a Europa. Entre 1452 e 1470, a imprensa conquistou nove cidades germânicas e várias localidades italianas, bem como Paris e Sevilha. Dez anos depois, registrava-se a existência de oficinas de impressão em 108 cidades; em 1500, o seu número era de 226.

Durante o século XVI os centros mais produtivos eram as cidades universitárias e as cidades comerciais. Veneza continuou a ser a capital da imprensa, seguida de perto por Paris, Leon, Frankfurt e Antuérpia. A Europa tipográfica começava a deslocar-se de Itália para os países do Norte da Europa, onde funcionava como elemento difusor do humanismo e da Reforma oriunda das cidades italianas.

No Brasil, a política determinou por muitos anos o rumo do jornalismo, inclusive o jornalismo chegou ao Brasil de forma clandestina. Durante a ditadura, também precisou se esquivar e tratar a notícia de forma censurada. Até a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, era proibida toda e qualquer atividade de imprensa — fosse a publicação de jornais, livros ou panfletos. Esta era uma peculiaridade da América Portuguesa, pois nas demais colônias europeias no continente a imprensa se fazia presente desde o século XVI.

A imprensa brasileira nasceu oficialmente no Rio de Janeiro em 10 setembro de 1808, com a criação da Gazeta do Rio de Janeiro, órgão oficial do governo português que tinha se refugiado na colônia americana. Pouco antes no mesmo ano, porém, o exilado Hipólito José da Costa lançava, de Londres, o Correio Brasiliense, o primeiro jornal brasileiro — ainda que fora do Brasil. Enquanto o jornal oficial relatava o estado de saúde de todos os príncipes da Europa, o do exilado fazia política. Embora não pregasse a independência do Brasil, e tivesse um posicionamento político por vezes conservador, o Correio Brasiliense foi criado para atacar os defeitos da administração do Brasil, nas palavras de seu próprio criador, e admitia ter caráter doutrinário muito mais do que informativo.

A proibição à imprensa (chegaram inclusive a destruir máquinas tipográficas) e a censura prévia (estabelecida antes mesmo de sair a primeira edição da Gazeta) encontravam justificativa no fato de que a regra geral da imprensa de então não era o que se conhece hoje como noticiário, e sim como doutrinário, capaz de pesar na opinião pública, como pretendia o Correio Brasiliense, e difundir suas ideias entre os formadores de opinião.

A censura à imprensa acabou em 1827, ainda no Primeiro Reinado. A própria personalidade de D. Pedro II, garantia um clima de ampla liberdade de expressão — em nível não conhecido por nenhuma república latino-americana, graças aos autoritários que lá se alternavam. A liberdade de imprensa já era garantida mesmo pela Constituição outorgada de 1824. O estudioso do período imperial no Brasil, Bernardo Joffily, ressalta: "Cada corrente tem seu porta-voz, mas, ainda assim, há órgãos apolíticos: o Diário do Rio de Janeiro (1º diário do País, 1821-1878) nem noticia o Grito do Ipiranga. Mas a regra é a imprensa engajada, doutrinária".

Os jornais de partidos, ou espontaneamente criados e mantidos por militantes, carecem de organização institucional e de profissionalismo jornalístico. Nos tempos de maior exaltação na campanha republicana (1870-1878 e 1886-1889), surgem

dezenas de jornais (que não passam de 4 páginas cada) efêmeros, sem durar mais que alguns meses.

Entre os jornais cariocas da época imperial estavam, em primeiro grau de importância, a Gazeta de Notícias e O País, os maiores de então e os que sobreviveram mais tempo, até a Era Vargas. Os demais foram o Diário de Notícias, o Correio do Povo, a Cidade do Rio, o Diário do Commercio, a Tribuna Liberal, alguns jornais anteriores a 1889, mas de fortíssima campanha republicana, como A Republica, e as revistas de caricatura e sátira: a Revista Illustrada, O Mequetrefe, O Mosquito e O Besouro. Outros ainda eram o Jornal do Commercio e a Gazeta da Tarde.

A Revista Illustrada realmente era inovadora. As ilustrações litografadas almejavam ao perfeccionismo e ao mesmo tempo à expressividade. Inova a Revista também por uma diagramação "interativa", com ilustrações sobre o cabeçalho, moldura, etc.. Saía semanalmente e tinha distribuição nacional.

Nos 22 anos contínuos em que foi publicada, a Revista Illustrada entranhou-se no cotidiano nacional e inspirou uma geração de magazines satírica. Embora um pouco anteriores, fazem parte da mesma safra: O Mosquito, O Besouro e O Mequetrefe.

4.1 – Na Paraíba, o jornal A união como escola do jornalismo paraibano

A união é um jornal de cunho estatal paraibano, totalmente editado na cidade de João pessoa no estado da Paraíba. Atualmente considerado o único jornal diário oficial existente no nosso país. A sua fundação data do dia 2 de fevereiro de 1893, pelo presidente da província, Álvaro Machado, e teve como primeiro diretor o escritor, industrial e jornalista Tito Silva. A União é o terceiro jornal com maior tempo em circulação no Brasil, com um marco de suma relevância ao ser considerado um referencial histórico, que ao longo dos anos, tornou-se amplamente conhecido como escola do jornalismo paraibano. Ressaltando que foi nas páginas do jornal que o poeta Augusto dos Anjos (1884-1914), publicou alguns dos seus primeiros poemas, a partir de 1909.

Passados quarenta e sete anos de sua fundação, no dia treze de março de 1940, surgia o Diário Oficial, que passou a circular de forma independente a partir de

1º de julho de 1955. Com essa independência, o matutino seguiu a sua trajetória. A União, a princípio, trazia um amplo e vasto noticiário, bem como as notas presidenciais da província. Há pouco mais de quatro décadas, o jornal já era congratulado de forma privilegiada por ser sede escola de toda a produção do estado em literatura, e por exercer na prática a função atribuída a Universidade Federal da Paraíba.

O jornal foi além e tornou-se um elo da corrente de batalhas travados pelos paraibanos. Permanece exercendo sua arte, sua missão histórica, em pleno terceiro milênio. O jornal oficial não se inferioriza aos concorrentes do setor privado, ao contrário, nada fica a dever em termos informativos ao seu público, mantendo seu espaço no mercado da imparcialidade, o seu objetivo em destaque a prestação voltada para o seu alvo, que é sem dúvidas, a sua marca.

A União, desde o início do ano de 2003, vem apresentando novidades em vários setores. Com uma roupagem e projeto gráfico inovados, com mais recursos, formato reduzido, associado ao aumento do número de páginas para oferecer mais informações. A partir de 2011, o jornal passou a circular com formato standard, composto de cinco cadernos com quatro páginas cada, identificados por cores, buscando tornar a leitura prazerosa e atrativa.

Passados os cento e vinte e um anos de sua brilhante existência, o jornal oficial não deixou de buscar avanços importantes, inclusive na área tecnológica, que o tornou um órgão tradicional e, que relevou à patrimônio cultural da sociedade, por objetivar desempenhar importante papel na sua divulgação de fatos e ideias que o caracterizou por toda a sua trajetória histórica, ressaltando que o jornal não é apenas um meio de vincular a comunicação, mas deixar essa chama acesa de vocação educativa, cultural e acima de tudo informativo.

CAPÍTULO V. METODOLOGIA

Esta parte do trabalho é dedicada à forma de desenvolvimento da pesquisa. O objetivo foi permitir a exposição detalhada dos passos seguidos para o desenvolvimento do estudo sobre o caderno de esportes do jornal A União. Além

disso, a proposta também foide oferecer ao leitor subsídios para a compreensão e entendimento dos resultados expostos.

Para a realização desta pesquisa, a metodologia utilizada foi de caráter bibliográfico por levantar, compilar e analisar o diferencial a cerca do tema baseado nas características: esporte, futebol e jornalismo impresso.

Em grande parte, foram utilizadas as ideias de autores das áreas, como Paulo Vinícius Coelho, jornalista e especialista em Jornalismo Esportivo; Marcelo Duarte, autor do livro O Guia dos Curiosos e Bardin, teórico das ideias de análise de conteúdo, o qual aplicado nesta pesquisa.

Foram utilizadas também publicações de revistas, artigos científicos, monografias, pesquisas em portais de internet e nas páginas do próprio Jornal A União.

Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como não se perder na heterogeneidade de seu objeto”. BARDIN, (2005, p. 35).

Nesta pesquisa, mantemos a heterogeneidade do objeto analisado, ou seja, o Jornal A União, apenas analisando o conteúdo abordado: o caderno de esportes do jornal, seguindo o método da análise de conteúdo. O método vem de uma longa tradição de abordagem de textos. Essa prática interpretativa se destaca a partir do século XX, pela preocupação com recursos metodológicos que validem suas descobertas. Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisas com textos. A Análise de Conteúdo, tem, entre seus objetivos e aspectos mais profundos a análise minuciosa do objeto estudado, de modo que seja o foco central da pesquisa.

Seguindo a metodologia, o universo desta pesquisa foi do período de uma semana, ou seja, do dia 16 a 23 de março de 2014, do Jornal A União.

5.1 – Análise dos Dados

A partir deste tópico, iniciamos a análise direta do conteúdo do caderno de esportes do Jornal A União, delimitando nosso problema, com a proposta de observar se a editoria abre espaço para notícias sobre diversos esportes ou se somente usa o futebol como pano de fundo da editoria de esportes. Nesta análise, verificamos os

principais elementos do jornalismo impresso: capa, chamadas de capa, quantidade de páginas voltadas para o assunto, tamanho das reportagens e/ou notícias. Ressaltando que o caderno de esportes é composto de apenas duas páginas, e não é publicado nas segundas-feiras. A seguir, as análises dos dados coletados:

5.1.1 – Domingo, 16 de março de 2014.

A manchete de capa da edição do Jornal A União do dia 16 de março de 2014, aborda a poluição sonora na capital, mas o futebol estadual ganhou uma chamada de capa na parte inferior do jornal nesta edição, apresentando um importante jogo para as semifinais do campeonato paraibano de 2014, ilustrada com uma foto do técnico do Botafogo, Marcelo Vilar.

Na edição, as páginas 15 e 16 do impresso, trazem as notícias esportivas. A principal manchete da página 15 foi sobre o jogo do Botafogo, com uma foto grande. Uma matéria sobre o jogo do Campinense, também pelo campeonato paraibano, e um artigo de opinião sobre a CBF completaram a primeira página.

Na página 16, mais duas matérias com imagens sobre as semifinais do campeonato paraibano de futebol completaram a editoria. Nessa edição nenhum outro esporte teve espaço no caderno.

5.1.2 – Terça-Feira, 18 de março de 2014

A edição do Jornal A União do dia 18 de março, trouxe na parte superior esquerda da capa uma chamada com uma pequena foto, destacando a revelação do surf paraibano, Eivelton Santos.

Na página 15, uma matéria de meia página abordou a chamada da capa, sobre o destaque paraibano no campeonato de surf. Na mesma página foi publicado uma matéria sobre a Copa Paraíba sub-15 de futebol, e algumas curtas sobre futebol. A página 16 foi toda ocupada com matérias e pequenas imagens que deram ênfase ao final do primeiro turno do campeonato paraibano de futebol.

5.1.3 – Quarta-Feira, 19 de março de 2014.

Seguindo a análise, na edição do dia 19, a capa do jornal trouxeem sua parte superior uma manchete sobre o início da segunda fase do campeonato paraibano de futebol.

Na página 15, a manchete foi direcionada a uma partida do Flamengo pela Taça Libertadores da América. Na mesma página, foramdestinadas duas matérias relativas a outros esportes, como o Paratletismo e o Vôlei de Praia, além de uma tabela na lateral com todas as partidas de futebol a serem realizadas no dia.

A página 16 foi dedicada inteiramente ao início do segundo turno do Campeonato Paraibanoem cinco matérias, três delas com fotos. Nessa edição percebe-se que foi destinado umpequeno espaço para outras modalidades esportivas.

5.1.4 – Quinta-Feira, 20 de março de 2014.

Na quinta-feira, o futebol novamente esteve na capa do Jornal A União, em uma pequena chamada para o caderno de esportes, na parte inferior, sobre o Flamengo e os principais clubes da capital, Botafogo e Auto Esporte.

Na página 15 foi publicada uma matéria ocupando meia página, sobre o estádio de abertura da Copa do Mundo. Na lateral da página, um artigo de opinião sobre o Campeonato Paraibano.

Na página 16, Uma matéria ocupou mais de metade da página, com uma foto grande, retratando uma confusão na partida entre Botafogo e Sport Recife pela Copa do Nordeste. Outra matéria sobre um atacante revelação do Auto Esporte completou a página. Em mais uma edição o futebol foi o pano de fundo do jornal.

5.1.5 – Sexta-Feira, 21 de março de 2014.

O Jornal A União do dia 27 de março também deu espaço em sua primeira página para à morte do jogador Bellini, campeão do mundo em 1958, e matérias sobre os dois principais clubes da capital, Botafogo e Auto Esporte. A matéria sobre Bellini foi publicada em outra editoria, na página 4.

Na página 15, foi publicada uma manchete de meia página com uma foto grande sobre a derrota do Flamengo na Taça Libertadores da América. Já na parte inferior da página, foram mescladas notícias sobre Pelé, Anderson Silva do UFC e uma pequena matéria de atletismo sobre uma corrida amadora na orla de João Pessoa.

A página 16 foi dividida em três matérias sobre futebol, voltadas para o Botafogo e o Auto Esporte. A última matéria do caderno enfatizou um jogador paraibano que atua em um clube de futebol da Ucrânia. Nesta edição verificaram-se três pequenas matérias voltadas a outros esportes.

5.1.6 – Sábado, 22 de março de 2014.

Na capa da edição do sábado, o caderno de esportes ilustrou em sua parte superior uma chamada para a segunda rodada do retorno do Campeonato Paraibano.

Na página 15 a principal matéria foi sobre o jogo entre as equipes do Campinense e Sousa, ocupando meia página do caderno, que foi preenchido com outra matéria sobre a partida entre Botafogo e CSP, na capital.

A página 16 destacou com foto a derrota do Fluminense pela Copa do Brasil, e publicou mais três matérias sobre futebol, sendo uma delas sobre a Liga dos Campeões da Europa.

5.1.7 – Domingo, 23 de março de 2014.

A capa da edição do Jornal A União do domingo trouxe apenas duas chamadas esportivas, uma enfatizando os clubes de futebol da capital, CSP e Botafogo, outra para uma matéria especial sobre um torcedor do Auto Esporte, ilustrada com uma grande foto.

Na página 15, uma manchete principal sobre os clubes de futebol da capital paraibana, além de quatro matérias sobre outros clubes do campeonato paraibano de futebol foram publicados.

A página 16 dessa edição foi inteiramente dedicada a uma matéria especial com ilustrações sobre um torcedor do Auto Esporte, considerado símbolo do clube. A edição abordou exclusivamente o futebol paraibano.

VICONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do objeto de estudo, o caderno de esportes do jornal estatal A União, concluí que a ênfase maior da editoria de esportes está direcionada ao futebol, que é considerado uma paixão nacional, também devido ao exercício diário da mídia na divulgação desse esporte.

Assim como em grande parte dos veículos nacionais, como citado pelos autores nesta pesquisa, o jornal também direciona sua editoria de esportes principalmente para o futebol. Nas páginas do periódico, o “esporte da bola” é o primeiro plano das publicações e das coberturas jornalísticas esportivas.

Neste contexto, outros esportes que também ocupam destaques na Paraíba acabam ficando de lado. A exemplo de Kaio Márcio, da natação, Antonio Pezão no UFC, além do crescimento do estado em esportes como o kitesurf e windsurf, embora valha ressaltar que campeonatos de futebol acontecem com mais frequência e se torna um apelo maior do público consumidor e leitor. As outras modalidades de esporte geralmente são incluídas em manchetes quando são notícias históricas ou inusitadas. A União não foge à regra, já que se trata de um jornal popular, acessível a várias camadas da população paraibana. Nesses segmentos, como analisa Amaral (2006, p. 56), em seu livro *Jornalismo Popular*, “o futebol é notícia diária com direito a manchete, chamadas, fotos e reportagens de página inteira”.

Percebe-se que outros esportes da Paraíba, ora ocupam espaços reduzidos no caderno, ou não são publicados, e esportes representados por atletas e equipes do sudeste aparecem com ampla frequência. No quesito futebol, os três principais clubes do estado têm frequência nas páginas do jornal, e os tradicionais clubes da capital paraibana, Botafogo e Auto Esporte, tem prioridade para abrir a página, focando mais a competição disputada do que o noticiário diário dos clubes. Na edição nacional, os grandes clubes cariocas ocupam posição de destaque no jornal. Mesmo sendo um veículo local, com foco na capital e em grande parte das cidades do estado da Paraíba, os clubes cariocas são apontados pela mídia como os preferidos dos paraibanos. É perceptível que as grandes equipes recebem cobertura diferenciada, já que tem o maior número de torcedores e conseqüentemente “leitores”.

Nessa ótica e diante da preocupação do futebol ser o principal esporte de publicação das mídias, tanto nacional como regional, como estudante de jornalismo,

minha análise é crítica, compreendendo que há uma necessidade maior de uma reformulação das coberturas esportivas pela imprensa. Mesmo sendo o futebol o esporte de maior tradição e fanatismo no país, os outros esportes também merecem maior visibilidade, principalmente na atualidade, que o vôlei sempre tem alcançado conquistas importantes com a seleção brasileira, o UFC, que se popularizou no país, o atletismo e a natação, entre outros.

Dessa forma, o leitor terá notícias esportivas diferenciadas, fugindo do comum, e mesmo que o futebol continue sendo insistido pela cobertura da imprensa paraibana, que ela seja sempre regionalizada, dando maior ênfase aos times locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Paraíba, 2000. Trabalho acadêmico (graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba. Documento eletrônico disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2014.

BARBANTI, Valdir Jose. **Dicionário de Educação Física e Esporte**. 2 ed. São Paulo: Manole, 2006.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Paris: PUF, 2005.

BIBLIOTECA on-line. Disponível em: <<http://www.federacaoparaibana.com.br>> acessado em 20 de fevereiro de 2014.

BIBLIOTECA on-line. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Desporto>> acessado em 22 de fevereiro de 2014.

BIBLIOTECA on-line. Disponível em: <<http://jornalauniao.blogspot.com.br>> Acessado em 26 de fevereiro de 2014.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2004.

DUARTE, Marcelo. **O Guia dos Curiosos Esporte**. São Paulo: Panda Books, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

NETO, Francisco Paulo de Melo. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro, Record, 2003

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodista. Estudos em Comunicação**. Publicação semestral do LABCOM. UFRGS: 2007.